

A Língua Literária do Século XV

Herbert Elton de Figueiredo Nobre Alves

Em relação às raízes históricas da língua portuguesa, no que diz respeito aos povos falantes, e seus antecessores, que se utilizavam de dialetos como o galego-português, podemos dizer que a trajetória de suas palavras e expressões, sejam na prática da fala ou da escrita, certamente, constitui-se em um fascinante objeto de estudos e pesquisas. Antes mesmo que se consolidasse como língua oficial de Portugal, munida de características próprias, já se podiam notar alguns traços interessantes em documentos de cartórios e outros papéis oficiais da vida civil.

Outro fato curioso é que através do contato dos cristãos, habitantes da Península Ibérica, com os árabes invasores, o que aconteceu durante um tempo considerável, suficiente para que sofressem uma grande influência da linguagem daqueles, traços marcantes, adquiridos na época, vieram enriquecer a língua portuguesa hoje conhecida.

Além de ser falada nos limites da Península Ibérica, a língua portuguesa estendeu-se por outras terras. A exemplo disso, temos as Ilhas da Madeira e Açores, Brasil, a Ásia em seus recantos crioulos de Damão, Diu e Goa, bem como de Celão, Macau e nos locais de seus dialetos. Estendeu-se, ainda, por outras regiões, como o malaio-português, com os dialetos crioulos de Java, Malaca e Singapura. Continuando, poderíamos citar as terras do Timor, na Ásia Oceânica, atingindo não menos que a África, como em Cabo-Verde, Guiné,

com o dialeto crioulo, e também Angola, Moçambique, Zanzibar, Mombaça, Melinde e Quiloa.

Nossa língua passou por algumas fases, como por exemplo, a *pré-histórica* (séc. V – IX), em que se pode constatar a existência do romance lusitano. Outra, chamada *proto-histórica* (séc. IX – XII), onde já se apresenta como língua falada, evidenciada pelo latim bárbaro.

Mas, o destaque que se deseja dar aqui, neste passeio pela história de nossa língua, resume-se à *Língua Literária do século XV*. É a esse momento e dentro das perspectivas de um olhar que se dirige ao falante da língua e suas curiosidades que nos dedicaremos. Neste momento, chegamos à fase da história da língua conhecida como o *período arcaico* (séc. XII – séc. XVI).

No período marcado por uma língua portuguesa recém estruturada, nos moldes ainda iniciais, digo, com marcas de arcaísmos, surge um documento escrito em língua portuguesa, no ano de 1189. Devamos dizer, contudo, que existem estudos considerando o fato de que este não seria, verdadeiramente, o primeiro registro escrito dessa língua.

De todas as influências sofridas pela língua portuguesa, sem dúvida alguma, não deixaríamos de citar aquelas expressadas pela sua origem no galego-português, sua primeira estampa de identidade. Tais marcas que se verificam nos documentos da época, especialmente os *lírico-literários*, as *poesias* e as *prosas*. Contudo, é nos

papéis cartulários ou na *fala dos cidadãos* que se evidenciam esses aspectos.

Com o passar dos anos do século XV, em seu segundo quarto, o estudo da gramática, não se restringia às escolas religiosas ou às universidades. Entretanto, por ordens de D. Duarte, deveria ser priorizado o ensino da gramática, em especial aos jovens de boa linhagem, fazendo-os ler, escrever e falar o latim, com o objetivo de habilitá-los, por meio de bons livros, não escritos em latim, mas, escritos em *linguagem (língua portuguesa)*. Tais livros trariam, segundo se pensava na época, os conhecimentos formadores de uma vida virtuosa. Os assuntos discorriam sobre filosofia moral e guerra.

Como exemplo das recomendações da corte portuguesa, supracitadas, destacamos o seguinte texto:

“era amador de sciencias, de que teve grande conhecimento, e nom per descurso (por cursar) d`escolas, mas per continuar d`estudar, e leer per bõos livros (por estudar constantemente e ler bons livros), ca (pois) somente foi gramático (prosador de vasto vocabulário) e algum tanto lógico (escritor que adotava artifícios retóricos e argumentativos)...”

Outros exemplos de influência do latim na língua portuguesa constata-se na escrita de (D. Duarte, Leal Conselheiro) :

O comércio de pimenta e de outras especiarias carreava grandes riquezas ao reino e à corte, que por sua vez vivia de modo abastado e luxuoso.

Quanto ao mundo da poesia deve-se destacar o nome de Garcia de Resende, que constituiu o *cancioneiro geral*, também conhecido como *Cancioneiro de Resende*, a exemplo de *Cancioneiros espanhóis: Baena e Cancioneiro General*. A lista de nomes a destacar continua:

Andrée Crabbé Rocha, em relação ao vocabulário poético do *Cancioneiro geral*, pode ser encontrado em dois campos fundamentais: *o da poesia amorosa e os restantes*. A poesia amorosa possui características semelhantes às das outras modalidades poéticas. Nas poesias não-amorosas, especialmente do gênero satírico, o número de vocábulos aumenta sensivelmente, com muita diversidade. O abundante uso de recursos estilísticos se torna evidente, além das abundantes metáforas, relacionadas ao mundo náutico, devido à influência do ambiente histórico, em que fervilhavam as notícias das conquistas ultramarinas. Outro estilo de poesias da época é o da sátira. Um nome a ser destacado nesta área é o de Diogo Fogaça, que discorre inspirado numa dona obesa, que o teria desgraçado profundamente e a cuja anatomia aplica termos como: *querena (termo oriundo da navegação, “carena”, significando parte do costado da embarcação que fica submersa)*, e outros, como: quilha, costado etc.

Seguindo o referido estilo, temos o de Álvaro de Brito, voltado às influências de sua desilusão e seu desgosto, usando expressões tais quais: *ir de foz em fora (navegar), com forte tempestade ...sem poder portar vella (sem velas), correr arvor seca (navegar com mastro sem vela), antre baixas (entre baixios ou rchados), levar rota de trestura*

(seguir rota de tristeza), *ver-se remeyro preso em centina* (sentina, fundo da embarcação onde se ajuntava água deteriorada, cloaca), *de galle* (galé, embarcação antiga de baixo bordo, movida a vela e a remos) etc.

É bem verdade que nesta época surgem, ao lado dos arcaísmos, os *neologismos*, bastante interessantes. Destacamos alguns: *tribulança* (atribulação), *mitrar* (tornar-se bispo ou abade), *benaventear* (deslocar-se para Benavente) e outros mais eruditos como *pryminência* (proeminência), *senytude* (senectude, velhice), *propinco* (próximo), *multilóquio* (falador).

Vejam, a seguir, os hispanismos, que se tornam presentes, em função da influência dos cortesões bilíngües: *antre soylos* (*espanhol – Entresuelos = sobreloja*); *metaforicamente “falar escondendo segredos”*; *doylos* (*esp. Duelos = dores, dó*); *manilhas* (*esp. Pulseiras, argolas de metal usadas nos braços ou pés, adorno ou grilhão*). As influências continuam, o que se pode notar pela presença de termos provindos do povo judeu: *anhym* (*homem sem préstimo*); *tafalym* (*oração*); *cadoz* (*homem velho*); *sabá* (*sábado*) e outros mais.

Outro nome a ser ressaltado, nesse contexto, é o de Fernando Lopes, primeiro cronista-mor do reino português, encarregado pelo rei D. Duarte de “por em Crônicas as estórias dos reis que antigamente em Portugal existiram”., ou seja, “poer (pôr) em caronyca (crônica) as estoryas dos Reys que antygamente em Portugal foram (existiram).

Vejam os que diz o prólogo da Crônica de D. João I: “Se outros por ventura (porventura) em esta crônica buscam *fremosura e novidade de pallavras* (beleza e emprego de palavras novas), e nom a certidom das estórias (e não a vredade da história), desprazer lhe há de nosso rrazoado (desagradar-lhe-á nosso escrito (crônica) ... (os grifos são nossos). Mais cronistas se expressaram na época: Gomes Eanes de Zurara (ou Azurara), o continuador da Crônica de D. João I, denominando de Crônica da tomada de Ceuta. Além disso, escreveu a Crônica dos feitos de Guiné, a Crônica do Conde D. Pedro de Meneses primeiro capitão de Ceuta, e a Crônica de D. Duarte de Meneses, filho do Capitão. Lembremo-nos de que sua maneira de trabalhar as palavras era totalmente diferente de seu antecessor, ao usar a língua.

Outro cronista, escrevendo entre os anos de 1473 ou 1474, Rui de Pina, continuando a Crônica Geral do Reino e produzindo as Crônicas de D. Duarte, D. Afonso e de D. João II, além de uma série de outras referentes a reis portugueses, anteriores a D. Pedro.

No século XV, no acervo de vocábulos básicos da língua portuguesa, destacam-se os nomes em *mento* e os nomes terminados em *anca* e *ença*. As palavras do primeiro tipo formavam-se de temas verbais do infinitivo e davam idéia de ação, sendo comuns entre os escritores. Essa tendência vai passar a mudar, a partir dos anos quinhentistas, por conta do latim e suas influências diretas.

Como exemplo, temos a palavra “avysamento” (conselho, ensino, advertência – D. Duarte), em Fernão Lopes, com sentido de

prudência, cautela e em Zurara “aviso”, informação, ou mesmo, falecimento (falta – D. Duarte), em Fernão Lopes. Há verdadeiras curiosidades que giram em torno dos modos adjetivos em al e vel:

Comumunal (*Comum* – *Fernão Lopes*); *Terreal* (*terreno* – *Zurara*); *humanal* (*humano* – *D. Duarte, Fernão Lopes*); *mundanal* (*mundano* – *D. Duarte*).

No caso dos verbos: *leyxar* (*deixar* – *Gil Vicente*); *aqueecer* (*acontecer* – *Fernão Lopes*); *aficar* (*teimar, insistir* – *Fernão Lopes*); *consirar* (*considerar*).

Em relação aos pronomes:

– Possessivos: *mas, ta, as* (*minha, tua, sua*);

– Demonstrativos: *aqueste, aquesta, aquesto* (*este, esta, isto*); *aquello* (*aquilo*);

esto (*isto*); *esso* (*isso*);

– Indefinido: *algorrem* (*alguma coisa*); *al* (*outra coisa*).

Em relação aos advérbios:

– *acinte* (*de propósito*);

– *afcadamente ou afincamente* (*teimosamente* – *dando origem ao termo “trabalhar com afinco”*);

– *asinha ou azinha* (*depressa*);

– *nego ou nega* (*talvez*);

– *tamalavez ou tamalaves* (*um pouco, de algum modo*);

– *hi* (*aí*);

– *hu* (*onde*).

Neologismos

No século XV, a língua portuguesa enriqueceu-se bastante, especialmente pela incorporação de grande número de palavras novas ou neologismos. Esses novos termos tiveram sua origem em outras línguas, não somente no latim, mas, no francês, italiano e espanhol.

Eis alguns termos que apresentamos: circunstância, vicioso, abstinência, pertinaz, infinito, obstinação, subsídio, fugitivo, interpretar, letradura (literatura), evidente, torpe, soturno (triste, lúgubre).

Essas palavras e muitos outros termos foram incorporados ao português, no século XV, tendo sido “aportuguesados” e, em seguida, acomodando-se à pronúncia e à ortografia da época.

Na área da poesia escrita do século XV, ao contrário da prosa, não se observam tantas aquisições de palavras ou mesmo tantas novidades. É época vivida após o período do trovadorismo em galego-português.

Após os feitos literários dos infantes D. Duarte, D. Pedro, Fernão Lopes, Zurara e outros, surge, nos reinados de D. Afonso V e seus sucessores D. João II e D. Manuel, a poesia que se denominou palaciana.

Este termo aparece em consequência do fato dessa poesia ter sua origem na corte e de haver permanecido ali, a partir da segunda metade do século XV. Tal período é caracterizado por grandes conquistas ultramarinas, que mexeram com a economia, a política, o lado social e cultural das nações e também com a nação portuguesa.

Nesse período, em Portugal, abastado e caracterizado pelo progresso em várias áreas, André Crabeé Rocha distribuiu o vocabulário geral, atingindo a poesia amorosa e os outros campos restantes.

Na poesia amorosa, bem mais pobre, aparecem, freqüentemente, “verbos de sentir” e substantivos abstratos de área semântica da dor: pena, tristeza, morte. Os adjetivos variam pouco e as metáforas são raras. Nas composições poéticas não-amorosas, dentro do gênero satírico, aumenta o número de vocábulos consideravelmente, com diversificação e com o emprego de variados recursos estilísticos.

Na poesia satírica, temos o exemplo de Diogo Fogaça, a respeito de uma dona obesa, que o desgraçara profundamente e a cuja anatomia aplica palavras como: *querena (carena, parte do costado da embarcação que fica submersa), quilha, costado etc.*

Mas, as diferenças da língua portuguesa do século XV e da primeira metade do século XVI são marcadas, além de detalhes léxicos, por traços de fonética, ortografia, morfofonética, morfologia, sintaxe e estilo.

Muitos outros pontos de interessante teor ainda existem, com relação à história da língua literária do século XV, mas, cremos que esses, aqui abordados, já nos serviram como uma porção, no mínimo, inicialmente esclarecedora.

Referências Bibliográficas:

BRANDÃO, Mário & D'ALMEIDA, M. Lopes. A Universidade de Coimbra. Esboço da sua história. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1892, t. I, p. 6.

BRAGA, Teófilo. História da Universidade de Coimbra. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1892, t. I, p. 106.

Joaquim de Carvalho, Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV, v. I. p. 302; p. 308 et seqs.

DUARTE, D. Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela. Edição Crítica com notas e gloss. por Joseph M. Piel. Lisboa: Bertrand, 1944. p. 120 et seqs.

Chronica do Senhor Rey Eduarte. Colleção de livros inéditos de história portuguesa, t I p. 79-80. Apud. D. Duarte, Leal conselheiro (Edição Crítica e anotações por Joseph M. Piel. Lisboa, Bertrand, 1942), p. 7.

CÍCERO, Marco Túlio. Livro dos Ofícios. Ef. crít. prefac., anot. ecom gloss. de Joseph M. Piel. Coimbra: Universidade, 1948. p. XXXVI.

M. Rodrigues Lapa. Lições de literatura portuguesa, p. 232.

TEYSSIER, Paul. La langue de Gil Vicente. Paris: Klincksieck, 1959, p. 293 et seqs.

RESENDE, Garcia de. Cancioneiro geral. Nova ed., introd. e notas de Andrée Crabbé Rocha. Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1973, t.I, p. XIII et. seqs.